14927 - Reflexões sobre o estágio curricular de vivência na compreensão das agriculturas familiares na Amazônia Paraense

Reflections on the curricular of experience in understanding the family farms in the Amazonia Paraense

REIS, Cleoson Moura dos¹; ROLLO, Priscila de Souza Pereira²; COSTA, Marcell Nóvoa³; SOUSA, Romier da Paixão⁴

1 Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará (IFPA) – Campus Castanhal, cleos-20@hotmail.com; 2 IFPA – Campus Castanhal, priscilarollo@gmail.com; 3 IFPA – Campus Castanhal, costa.marcellnovo@gmail.com; 4 IFPA – Campus Castanhal, romier.sousa.ifpa@gmail.com

Resumo: O presente texto objetiva refletir sobre as contribuições do estágio curricular supervisionado de vivência na compreensão das agriculturas familiares na Amazônia Paraense. A vivência foi realizada na comunidade Santa Luzia, município de Tomé-Açu, Nordeste Paraense, com educandos do curso de Agronomia do IFPA – Campus Castanhal. No percurso da vivência, utilizou-se a técnica de entrevista semi-estruturada, os métodos da caminhada transversal e o da observação participante visando à coleta de informações das famílias e do estabelecimento, buscando partilhar o seu cotidiano, procurando unir o objeto da pesquisa ao seu contexto. Verificou-se que os sujeitos do meio rural ao exercer a problematização da realidade concreta juntamente com os educandos no processo de formação em interface do saber contextual e saber científico passam a ter certo protagonismo na produção de inovações nos seus estabelecimentos rurais.

Palavras-chave: desenvolvimento rural; agricultura familiar; abordagem sistêmica; pluriatividade.

Abstract: The present text aims to reflect on the contributions of the curricular supervised experience in understanding the family farms in the Amazonia Paraense. The experience was carried out in the community of Santa Luzia, city of Tomé-Açu, Nordeste Paraense, with students of Agronomy course of IFPA - Campus Castanhal. In the course of living, we used the technique of semi-structured interview, the methods of the cross walk and participant observation in order to gather information of information and the establishment of families, seeking to share their daily life, seeking to unite the object of research to their context. It was found that the subjects of the rural to pursue the questioning of reality along with the learner in the process of training interface contextual knowledge and scientific knowledge play a role as subjects of history.

Keywords: rural development; family farming; systemic approach; pluriativity.

Introdução

A assistência técnica realizada pelos profissionais de ciências agrárias principalmente em países em desenvolvimento, como o Brasil, em geral baseia-se na extensão rural orientada pelo paradigma da modernização e tem relegado aos agricultores familiares o papel de receptores de conhecimentos prontos e acabados. Por volta da década 1970, foi implantando o Sistema Brasileiro de Assistência Técnica e Extensão Rural – Sibrater, coordenado pela Embrater e executado pelas empresas estaduais de ATER (Assistência Técnica e Extensão Rural) nos estados, as Emater (BRASIL, 2004). O papel central que esta política cumpriu neste período foi à transferência de tecnologias aos agricultores familiares baseados no paradigma da modernização.

A extensão rural no Brasil, na construção de um espaço de intervenção, fica perceptível que a atuação do governo, relacionada ao fazer extensão, vive em constantes transformações e que estas são posicionadas de acordo com a necessidade de se conciliar interesses, dos requisitos funcionais da acumulação capitalista e sua legitimação (RODRIGUES, 1997). Dessa forma, as transformações políticas na Extensão Rural estão submetidas às modificações do pensamento político do governo, assim sendo delineado de acordo com seus interesses.

Com o crescimento do enfoque científico da Agroecologia, o termo “extensão” ganha novo significado. Caporal (2003) assinala de “Extensão Rural Agroecológica”, como sendo o processo de intervenção de caráter educativo e transformador, baseado em metodologias que permitam o desenvolvimento de uma prática social no qual os sujeitos do processo buscam a construção e sistematização de conhecimentos que os levem a agir conscientemente sobre a realidade. Onde essa nova concepção objetiva alcançar um modelo de desenvolvimento socialmente equitativo e ambientalmente sustentável, balizada pelos fundamentos teóricos da Agroecologia como critério norteador das soluções mais adequadas e compatíveis com as condições específicas de cada agroecossistema e do sistema cultural dos sujeitos envolvidos no processo.

Por outro lado, tem se observado os movimentos sociais, ao longo dos anos, reivindicarem a participação no processo de desenvolvimento do campo, bandeira de luta pautada em Paulo Freire, que reflete os sujeitos conscientes da realidade e a importância da educação como transformação (LIMA, 2006). Com isso, a PNATER (Política Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural) representa o resultado de um processo que legitima modelos de desenvolvimento praticados por instituições governamentais e não governamentais (sociedade civil organizada e os movimentos sociais) que buscavam a participação do sujeito do campo nas suas ações de extensão.

No que refere ao cumprimento dessa política, os métodos até então utilizados apresentam limitações do ponto de vista cognitivo, precisam ser readequados para uma proposta pedagógica mais construtivista e humanista. BROSLER *et al.*, (2010) elencam as metodologias participativas, pesquisa-ação, investigação-ação participante, orientação pedagógica construtivista e humanista, visão holística e sistêmica como propostas de uma nova intermediação do processo. Necessitando assim, que os extensionistas compreendam cada ferramenta e sua função dentro da ação da Extensão Rural. Como reflexo disso, vai de encontro à própria formação do profissional de extensionistas cartesianos.

Conforme Brosler *et al.* (2010), essa nova proposta de se fazer extensão, apresenta como desafio a sua implementação, especialmente na prática, pois requer que o extensionista assuma um papel diferente dentro desse novo contexto, que valorize a interação com os agricultores, as capacidades locais e a busca por um desenvolvimento local sustentável. Assim, percebe-se que o primeiro entrave, na implantação dessa nova política, está no próprio extensionista, onde as exigências de competência técnica e política são maiores. Portanto, é preciso que os mesmos se reconheçam como educadores e que consigam, dentro das dinâmicas produtivas, alcançarem o diálogo com diferentes atores sociais presentes no território. (é necessário citar as páginas dos textos quando se utilizam as aspas).

Nessa perspectiva surge a necessidade de se repensar a atuação do profissional de ciências agrárias de ATER para uma condição de comunicação rural. Freire (2012) assinala que isto só pode ser possível através da práxis, na ação e na reflexão e na compreensão crítica da própria técnica. Neste contexto, o objetivo deste trabalho é refletir sobre as contribuições do estágio curricular supervisionado de vivência no curso de Agronomia, IFPA – Campus Castanhal, na compreensão das agriculturas familiares na Amazônia Paraense.

Metodologia

O estudo foi desenvolvido a partir do Estágio curricular supervisionado de vivência do curso de Agronomia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará (IFPA) – Campus Castanhal, orientado pelo eixo norteador, “Agroecossistemas Amazônicos e Trabalho”, realizado no período de 21 de Abril a 01 de Maio de 2013, na comunidade Santa Luzia, município de Tomé-Açu, localizado na mesorregião do Nordeste Paraense, Amazônia Brasileira.

O estágio de vivência consistiu: na recepção dos educandos pelas lideranças locais; na apresentação coletiva (agricultores e educandos) e distribuição dos educandos em duplas junto às famílias; e na vivência envolvendo dez estabelecimentos agrícolas da comunidade.

No decorrer da vivência com as famílias nos estabelecimentos agrícolas, foram utilizadas a técnica de entrevista semi-estruturada visando à coleta de informações. Utilizou-se também o método da caminhada transversal. Recorreu-se também ao método da observação participante que consistiu no envolvimento dos educandos no interior do grupo observado, tornando-se parte dele, interagindo por vários dias com os sujeitos da pesquisa, buscando partilhar o seu cotidiano, procurando unir o objeto da pesquisa ao seu contexto.

A dinâmica produtiva dos agricultores é entendida como uma combinação (no tempo e no espaço) dos recursos disponíveis para a obtenção das produções vegetais e animais. Concebido como a combinação coerente dos diversos subsistemas produtivos: cultivos; criação; processamento ou beneficiamento dos produtos agrícolas (DEFUMIER,1996).

As reflexões deste trabalho estão fundamentadas no diálogo como elemento *sine qua non* para a comunicação rural (FREIRE, 2011) e são realizadas a partir de informações ancoradas no cotidiano, nas estratégias das famílias para alcançar seu objetivo global.

Resultados e discussões

A vivência foi uma grande geradora de conhecimento a partir da problematização da realidade concreta, espaço onde foi possível o diálogo de forma consensual entre o saber científico e o saber contextual constituído ao longo do tempo pelos agricultores familiares. Em relação ao seu entendimento crítico, Freire (2012), afirma que estes passam a se compreenderem como sujeitos transformadores e o agente de desenvolvimento, por sua vez, não comete o equívoco de não ver a realidade como totalidade. Essa percepção foi possível durante o desenvolvimento das

atividades realizadas nos estabelecimentos agrícolas e também durante as reuniões de organização da comunidade.

O trabalho realizado nos estabelecimentos agrícolas vivenciados está relacionado diretamente ao conhecimento das famílias e a sua cultura em interações com as condições edafoclimáticas. Isso é verificado a partir de pequenos resgates históricos das famílias, onde se observa os antigos agroecossistemas baseados nos plantios de pimenta-do-reino (*Piper nigrum* L.) em monocultivos que depois foram dizimados pelo ataque da fusariose (*Fusarium solani* Mart.), doença que ataca o sistema radicular da pimenteira. Estes plantios deram lugar aos plantios biodiversificados chamados de Sistemas agroflorestais (SAFs). Onde é maximizado o trabalho e passam a se constituir numa importante estratégia de redução da sazonalidade no sistema social produtivo.

No que tange ao meio biofísico, os estabelecimentos agrícolas são analisados, de acordo com Defumier (1996), nos seus respectivos subsistemas: no de cultivo predominam os policultivos ou sistemas agroflorestais e alta frequência dos cultivos de cacauzeiro (*Theobroma cacao* L.), cupuaçuzeiro (*Theobroma grandiflorum* (Willd. ex Spreng.) Schum) e bananeira (*Musa spp.*). Nestes sistemas coexistem outros cultivos de ciclo mais curto, como o milho (*Zea mays* L.), feijão caupi (*Vigna unguiculata* (L.) Walp.) e maracujá (*Passiflora edulis* Sims f. *flavicarpa* Deg.);

No subsistema de criação observa-se a criação de galinhas caipiras (*Gallus gallus domesticus*), patos (*Anas platyrhynchos*), perus (*Meleagris gallopavo*), suínos (*Sus domesticus*) e bovinos (*Bos indicus*); e no de transformação ou processamento são observados o processamento, fermentação e secagem das amêndoas de cacau; secagem da pimenta-do-reino e o processamento de polpas de frutas na agroindústria da associação. Este conjunto de atividades desenvolvidas reflete a diversidade de estratégias adotadas pelas agricultores familiares na tentativa de superar o ambiente hostil no qual estão inseridos.

Entre as famílias que receberam os educandos em seus estabelecimentos agrícolas, apenas uma não se encontrava participando da APRAFAMTA (Associação dos Produtores e Produtoras Rurais de Agricultores Familiares de Tomé-Açu). Os agricultores entendem a organização como forma de superar alguns entraves importantes, como a comercialização dos produtos, o processamento da produção (agroindústria), melhorias nas condições de trabalho na terra (roçadeiras motorizadas e trator com implementos agrícolas). Sendo assim, o entendimento da dinâmica dos agricultores familiares pressupõe um passo importante no processo da comunicação rural e para uma atuação libertadora (FREIRE, 2011).

Outro elemento verificado nas estratégias de organização na comunidade são as parcerias, como a que esta se consolidando com a INCUBITEC (Incubadora Tecnológica de Desenvolvimento e Inovação de Cooperativas e Empreendimentos Solidários) – IFPA Campus Castanhal, que segundo os próprios agricultores familiares, tem se refletido no fortalecimento da gestão da associação e também apoio da Embrapa Amazônia Oriental.

Conclusões

O estágio de vivência a partir da realidade concreta constituiu-se num rico espaço de problematização e no estreitamento da relação de interface entre o saber contextual

construído pelos agricultores e o saber científico. Verificou-se também o manejo e desenho dos agroecossistemas orientados pelo trabalho (“...*uma capina serve para mais de um cultivo*”), passando de monocultivos para cultivos em policultivos.

Essa vivência com os agricultores, sujeitos dinâmicos e pluriativos, contribui ainda para um exercício de reflexão como práxis pedagógica sobre a atuação do profissional de ciências agrárias para além da simples aplicação de técnicas focadas nos aspectos físicos dos processos produtivos, passando a se pautar na compreensão das interações dos sistemas vivos e complexos na construção social de decisões e ações.

Agradecimentos

Ao IFPA – Campus Castanhal por possibilitar a formação inserida na realidade concreta e promover o desafio construtivo aos educandos, a APRAFAMTA e as famílias de agricultores da comunidade de Santa Luzia que apoiaram e receberam os educandos em suas casas, contribuindo para o rompimento epistemológico e metodológico da academia.

Referências bibliográficas:

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Agrário. **Política Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural**. Brasília, DF: SAF; Dater, 2004.

DUFUMIER, M. **Les projets de développement agricole**. Paris: Karthala et CTA, 1996.

FONSECA, M. T. L.; **A Extensão Rural no Brasil: um projeto educativo para o capital**. São Paulo. Ed. Loyola, 1985.

FREIRE, P. **Extensão ou comunicação?** Tradução Rosiska Darcy de Oliveira. - 15. ed. – São Paulo: Paz e Terra, 2011.

PINHEIRO, S. L. G. **O enfoque sistêmico e o desenvolvimento rural sustentável: uma oportunidade de mudança da abordagem *hard-systems* para experiências com *soft-systems***. Agroecol. e Desenvol. Rur. Sustent., Porto Alegre, v. 1, n. 2, abr./jun. 2000.

BROSLER, T. M.; OLIVEIRA, E. R. L. BERGAMASCO, S. P. P. **Métodos na Nova Extensão Rural no Brasil: caminho para a participação, de quem?** 48º da SOBER, Campo Grande - MS, 25 a 28 de julho de 2010. 14p.

RODRIGUES, C. M. Conceito de seletividade de políticas públicas e sua aplicação no contexto da política de extensão rural. **Cadernos de Ciência e Tecnologia**, Brasília, v.14, n.1, p.113-154, 1997.